

# Reconhecimento na bacia leiteira do Rio de Janeiro \*

ORLANDO VALVERDE  
Geógrafo do CNG

## ASPECTOS GERAIS DA REGIÃO

A crescente pressão de certos grupos produtores de leite para o aumento de preço do produto induziu a direção da SUNAB a estudar o problema e enviar o signatário deste a uma rápida excursão à bacia leiteira do Rio de Janeiro, a fim de observar *in loco* as condições da produção de laticínios.

A referida bacia leiteira compreende terras da serra do Mar e do médio vale do Paraíba do Sul, no estado do Rio e no extremo oriental de São Paulo; sul do Espírito Santo e trechos das Zonas da Mata e Sul de Minas Gerais (fig. 1). A pavimentação das rodovias e o emprêgo de caminhões-cisternas pelas cooperativas que fornecem leite líquido para o Rio de Janeiro têm permitido a expansão dessa bacia em tempos recentes, a qual alcança atualmente o vale do rio Doce em Governador Valadares, no estado de Minas Gerais.

A premência de tempo aconselhou o signatário a que procurasse observar a área de influência de duas cooperativas tributárias da CCPL, visto que é desta entidade coletiva que partem as mais calorosas reivindicações por aumento de preço do leite. Foram escolhidas *a priori* as cooperativas leiteiras de Três Rios e Além Paraíba, a primeira das quais não parece muito representativa, porque vende seus produtos principalmente para aquela cidade, bem como Petrópolis e Teresópolis, onde alcança melhores preços que os pagos pela CCPL, a qual lhe adquire somente os excedentes eventuais.

No médio Paraíba, onde estão situadas as cooperativas em questão, reina um clima tropical semi-úmido, do tipo *Aw* de *Köppen*. A estação seca abrange o semestre de inverno — de maio a outubro —, enquanto no semestre de verão, que se estende de novembro a abril, ocorrem mais de 80% do total anual das chuvas. A maioria das precipitações, nessa época, é do tipo de “chuvas de convecção”, com formações de cúmulos-nimbos, trovoadas e fenômenos elétricos, acompanhando os violentos aguaceiros. Durante a estiagem, as noites são frescas, mas a limpidez do céu permite geralmente um forte aquecimento do solo durante o dia.

Nas vizinhanças da calha do Paraíba, predomina o relêvo maduro característico dos trópicos úmidos, esculpido no gnaisse, com formas convexas, em meias-laranjas ou cascos de tartaruga, terminando bruscamente, por uma linha bem definida, em estreitas várzeas planas. As elevações maiores formam alinhamentos, uns na direção das rochas, aí aproximadamente ENE-WSW, que orientam o leito do Paraíba; outros quase ortogonais, obedientes à rede de falhas e fraturas transversais. Isolados no meio da morraria, erguem-se pontões rochosos de gnaisse, mais ou menos abruptos, em forma de “pães-de-açúcar” (fig. 2).

Todo o médio Paraíba e a Zona da Mata, conforme esta denominação indica, eram outrora revestidos por uma densa e vasta floresta tropical semidecídua. A partir da década de 1820, e mais ainda da de 1830, instalaram-se nessa região fazendas de café escravocratas. As matas foram, em breve tempo, derrubadas, e os cafêzais se sucederam, então, ordenados segundo a linha de maior declive. Nos dois últimos decênios do século XIX, a cafeicultura nessa região entrou

\* O presente trabalho resultou de uma excursão de reconhecimento que o autor realizou, a serviço da SUNAB, durante quatro dias, em julho de 1963, em companhia do economista ELMAR TOCCH. Foram visitadas áreas servidas pelas cooperativas de produtores de leite de Três Rios e Além Paraíba, no médio vale deste nome, filiadas ambas à CCPL.



definitivamente em decadência, em consequência do esgotamento dos solos, bem como da desorganização e abolição da escravatura.

A economia pastoril veio substituir a lavoura cafeeira, ganhando cada vez mais importância a pecuária leiteira, à medida que a rede ferroviária facilitava o acesso ao mercado carioca.

Esta foi, em rápidos traços, a gênese da paisagem que se encontra hoje no vale do Paraíba e na Mata mineira: elevações de contornos suavizados pela cobertura de capim-gordura, interrompida de longe em longe por algum rochedo de gnaíse, pequenos restos de mata secundária, de capoeiras ou árvores isoladas. Voçorocas de cores vivas, vermelhas, amarelas, assim como manchas irregulares de sapêzais, perturbam também a monotonia das pastagens de gordura. Em certos trechos, as *terrassettes* horizontais, marcadas nas encostas pelo pisoteio do gado, cruzam-se com os montículos, enfileirados ladeira abaixo, dos velhos cafêzais abandonados (fig. 3).

Os solos dessa região estão classificados no grande grupo dos latossolos vermelho-amarelos, hoje porém decapitados de seu horizonte A.

A conjuntura climática dos últimos dois ou três anos tem agravado seriamente os problemas da pecuária leiteira. Nesse período, as chuvas têm sido insuficientes, de modo que, já nesta época (fim de julho), as pastagens se apresentam como um manto ressequido e falhado, sem nenhum valor nutritivo. Uma invasão de lagartas tornou mais rala a cobertura de capim meloso.

O gado leiteiro precisa, por isso, ser alimentado no côcho com forragens cultivadas quase tôdas nas restritas áreas de várzea, nas partes inferiores das vertentes e nos grotões. As culturas forrageiras mais comuns são: a cana, o capim-guatemala e o capim-angola; em menor escala, o milho, o aipim, o sorgo, o capim-venezuela e o napier.

A fim de proporcionar maior umidade aos solos das várzeas na estação seca, é costume entre os lavradores irrigar as várzeas, geralmente por gravidade, desviando as águas num trecho superior do rio.

A prova mais evidente de que os solos das elevações estão exauridos é que, apesar das irrigações e da deposição periódica de *colluvium* durante as precipitações, os solos das várzeas necessitam de adubação orgânica e química para desenvolver bem as culturas de forragens.

Felizmente, já se foi o tempo em que o leite dessa região era produzido por gado "pé duro" ou zebu. No plantel da bacia leiteira do Rio de Janeiro prevalece hoje, de maneira absoluta, o cruzamento de holandês e zebu, em graus variados de mestiçagem.

Nas condições atuais, o gado permanece o tempo quase todo no curral e no estábulo. Alguns criadores soltam o gado, de vez em quando, para andar, fazer exercício; não para se alimentar. Se, porventura, as reses ficam no pasto por um tempo muito longo, passam fome, baixam a produção de leite, quando não se intoxicam com ervas daninhas, já que repelem o capim ressequido.

A alimentação do gado é composta basicamente de cana-forrageira, capim-guatemala e angola cortados a máquina, aos quais se adiciona farelo de trigo e de carôço de algodão, bem como água. Alguns ainda acrescentam milho e aipim desintegrados.

#### OBSERVAÇÕES NAS PROPRIEDADES LEITEIRAS

*Grandes produtores* — Consideram-se grandes produtores aqueles que mandam à cooperativa mais de 200 litros de leite por dia.

Foram visitadas e estudadas duas dessas propriedades; uma vinculada à Cooperativa de Três Rios, outra à de Além Paraíba.

Os grandes produtores de leite conseguem as médias de produção diária, por vaca em lactação, mais elevadas de toda a bacia leiteira. Correspondem, via de regra, a 5,5 litros por vaca, por dia (em duas ordenhas, é claro).

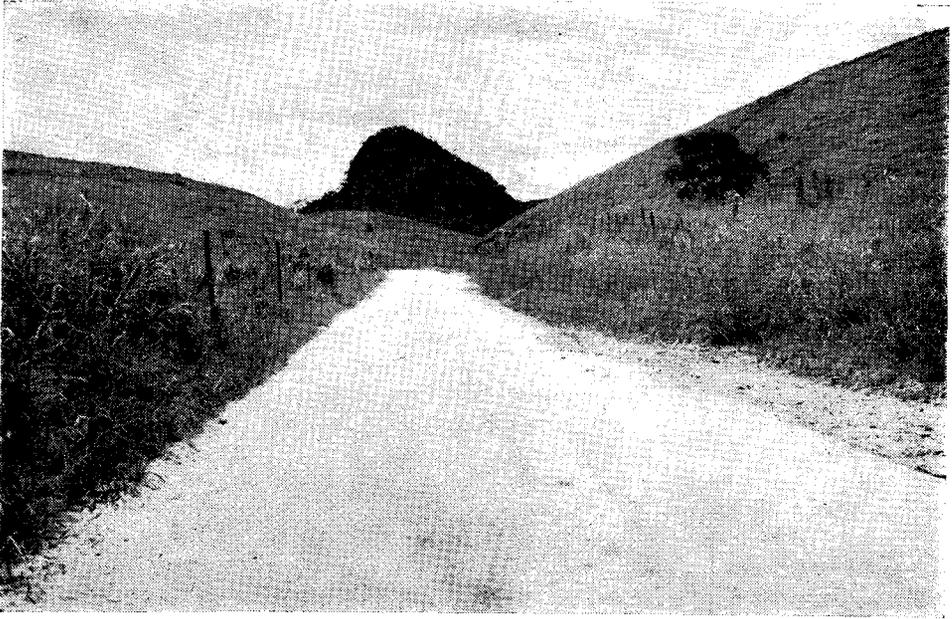


Fig. 2 — Pontão gnáissico, em forma de "pão de açúcar", perto de Volta Grande.  
(Foto CNG 6959)

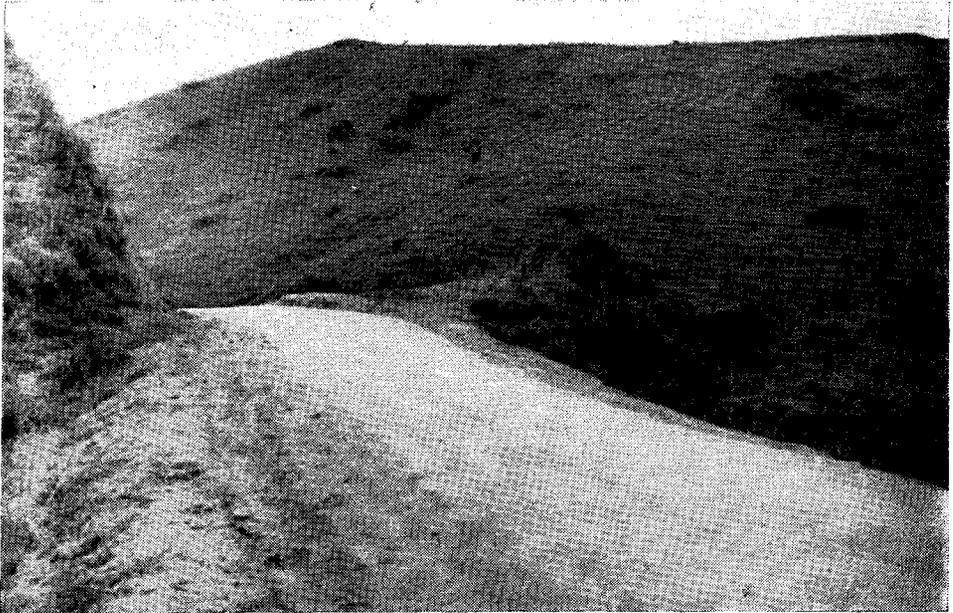


Fig. 3 — Marcas de pisoteio de gado, cruzadas com alinhamentos de antigos cafézais, numa encosta do médio Paraíba. (Foto CNG 7164)

Mesmo durante a estiagem, mantêm os grandes produtores o fornecimento diário superior ao citado mínimo de 200 litros. Alguns sofrem certa redução; outros, graças a práticas racionais de criação, conseguem manter ou mesmo elevar sua produção.

Evidentemente, para alimentar algumas centenas de bovinos (entre vacas em lactação, sêcas, reprodutores, bezerros, bois de carro etc.) é necessário cultivar

uma área apreciável em capineiras e forragens, superior geralmente a 5 alqueires (de 48 400 m<sup>2</sup>), ou sejam, cêrca de 24 hectares.

A pecuária leiteira dos grandes produtores requer um vasto investimento de capital, tanto fixo quanto variável, mormente nos dias atuais, de moeda desvalorizada: estábulos amplos, bem construídos, pavimentados; cêrcas, tratores, arados, grades, farelo, fertilizantes, sal etc. As propriedades são grandes, com boas instalações: galpões, paióis, currais, estábulos e sedes confortáveis, quase sempre correspondendo às das velhas fazendas de café restauradas.

Existem nas grandes propriedades leiteiras dois tipos de trabalhadores: os "empregados", que são assalariados, pagos em média a um nível igual à metade do salário mínimo da região, o que equivale a 9 a 10 mil cruzeiros (há, no entanto, patrões que já pagam o salário mínimo), e os chamados "colonos", que são parceiros, empenhados sobretudo em atividade agrícola. Em geral, se o proprietário prepara o terreno (ara, gradeia e aduba), o colono fica obrigado a dar a "meia"; quando, porém, o preparo do solo fica a cargo do colono, êste dá apenas a "têrça".

O patrão pode exigir que o colono venha trabalhar para êle, na fazenda; mas, nesse caso, o remunera na mesma base que os empregados: cêrca de Cr\$ 300,00 por dia.

O leite é quase sempre o principal produto comercial do fazendeiro, mas não o exclusivo. Normalmente, êle vende também excedentes de safra de arroz, milho, café.

A balança da produção leiteira não retrata, portanto, com exatidão, o orçamento do fazendeiro, não apenas porque êle obtém rendimentos outros da própria fazenda, como da venda de produtos agrícolas, do arrendamento de terras a pequenos lavradores; mas ainda muitos dêles são profissionais liberais ou funcionários públicos civis e militares aposentados.

O grande produtor de leite pode dar-se ao luxo de residir na fazenda, porque esta é geralmente confortável, acessível, e o fazendeiro dispõe de automóvel que facilita a êle e à família a vinda à cidade.

*Médios produtores* — Durante a excursão, foram visitadas três propriedades de produtores médios de leite, sendo dois na área da cooperativa de Três Rios e um na de Além Paraíba. Entende-se por "médio produtor" aquêle que mantém sua produção sempre acima do nível de 100 litros diários. Alguns conseguem, nas águas, fornecer mais de 200 litros de leite por dia, mas a maioria permanece na faixa entre as duas menores centenas, embora, via de regra, baixem sua produção, na época da estiagem.

O número de vacas, seja o total, seja o das em lactação, é da ordem das dezenas. A produtividade delas pode igualar à do plantel dos grandes produtores, porém em geral têm média mais baixa, entre 3 e 5 litros diários.

Ao contrário do grande produtor, que normalmente tem as finanças mais folgadas, o produtor médio é compelido a ter em lactação uma porcentagem de vacas igual ou superior a 2/3 do total do seu rebanho.

Para sustentar seus animais, o médio produtor cultiva uma área de cêrca de 3 alqueires (14,5 hectares) com forragens e capineiras.

Entre quatro e dez empregados cuidam do gado e dessas culturas, recebendo em dinheiro o correspondente a meio salário mínimo (Cr\$ 300,00 por dia), mas nem sempre o dono da terra trabalha diretamente no processo de produção. Alguns se limitam a gerir a fazenda; outros são até absenteístas. Os que estão neste caso, talvez pudessem galgar à classe dos grandes produtores, se ficassem mais estreitamente vinculados à pecuária leiteira.

Nem todos os médios produtores têm excedentes regulares de produtos agrícolas para vender, além do leite; mas há os que até auferem lucros maiores de outras produções, como a do café.

*Pequenos produtores* — O pequeno produtor nem sempre é pequeno proprietário. Alguns têm propriedades médias, considerando-se como limite inferior

destas a área de 50 hectares. Existem, contudo, aqueles que complementam sua pequena superfície com um trecho arrendado de fazenda grande.

A produção diária de leite, neste grupo, pode alcançar até cerca de 100 litros, na época mais favorável; porém, na seca, desce até um limite mínimo da ordem de 20 litros.

A produtividade das vacas oscila geralmente entre 1 e 3 litros diários. Este triste resultado advém sobretudo da insuficiente alimentação dos animais. Durante a estação seca, o gado emagrece. Algumas vacas têm a pele em cima dos ossos, e, não raro, morrem bezerras.

O gado é mal alimentado por duas razões principais: o pequeno produtor dispõe de área de várzea muito pequena, geralmente até cerca de 5 hectares (1 alqueire), no máximo, e não possui dinheiro bastante para adquirir rações.

Seria incorreto deduzir desses fatos que o pequeno produtor seja sempre um trabalhador sacrificado, que moureja com sua família numa reduzida propriedade. Existe realmente esse tipo social na região; mas o que caracteriza fundamentalmente o pequeno produtor é o baixo nível técnico de sua exploração e o baixo salário dos seus empregados, quando os têm. Por estranho que pareça, encontram-se pequenos produtores que moram na cidade próxima e pagam 100 a 150 cruzeiros por dia aos seus trabalhadores rurais. Tal circunstância leva esses trabalhadores a procurarem outro emprego, de preferência nas cidades próximas. Isto explica o êxodo rural e a grita dos proprietários rurais pela falta de mão-de-obra.

As vezes, a produção diária de leite baixa a níveis tão ínfimos, que o dono se abstém de fornecer à cooperativa para que os bezerras não morram de inanição. A regra entre os pequenos produtores é fazer na estiagem uma só ordenha, por causa da falta de leite nas vacas.

Paradoxalmente, é comum possuírem os pequenos produtores menos de 2/3 do rebanho correspondendo às vacas em lactação. O número relativamente elevado de animais apenas consumindo e sem produção econômica, reflete uma atitude própria também do pequeno produtor, que não sabe controlar sua economia e procura garantir-se num futuro incerto.

Não se pode afirmar categoricamente seja o leite o produto comercial único do pequeno produtor; não obstante, é o de venda mais regular, porque só eventualmente dispõe ele de algum leitão, milho ou legumes para vender.

#### CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Pelo exposto, verifica-se que não é um simples aumento do preço pago ao produtor que trará solução para a economia leiteira. Muito ao contrário, tal medida contribuirá antes para consolidar a situação presente. Os produtores de leite precisam, mais do que tudo, de orientação técnica. O crédito supervisionado será providência muito mais eficaz.

Inversamente ao que afirmam os propugnadores exclusivistas de uma revisão dos preços, não está havendo uma fuga da atividade leiteira. O número crescente de associados da Cooperativa de Produtores de Leite de Além Paraíba assim permite concluir, a saber:

Em 31-12-60 .....	191 cooperados;
Em 31-12-61 .....	201 cooperados;
Em 31-12-62 .....	249 cooperados;
Em 30- 6-63 .....	263 cooperados.

O que se está verificando, nos últimos anos, é uma baixa na produção das cooperativas e na dos produtores individualmente. Esse fenômeno pode ser explicado: pela sucessão de anos secos a partir de 1960, pelo encarecimento do preço das rações, pelo empobrecimento das pastagens de capim-gordura e pela manu-

tenção de sistemas pastoris atrasados. Este último fato já foi devidamente descrito acima e o fator meteorológico está fora do alcance dos meios técnicos comuns neste país.

O problema da ração foi claramente abordado pelos dirigentes das duas cooperativas visitadas. Eis os dados a respeito, que nos foram fornecidos na cooperativa de Além Paraíba:

PRAZO	N.º de cooperados	Consumo de ração (em sacos)
Ano de 1961.....	201	53 636
Ano de 1962.....	249	40 646
1.º semestre de 1963.....	263	14 000

Esse quadro alarmante explica os *deficits* de produção leiteira e é explicado pela subida dos preços da ração.

O governo deveria tabelar o preço das rações, tanto mais que, na estiagem, ela equivale, na opinião do diretor-executivo da Cooperativa dos Produtores de Leite de Entre Rios, a 50 ou 60% do custo de produção do leite.

Evidentemente, um esforço maior no sentido da auto-suficiência deverá generalizar-se na região, pois ela se encontra, hoje em dia, subutilizada. Não se pode talvez pretender que ela passe a produzir trigo, guardando como subproduto o farelo; mas seria legítimo tentar-se o incremento da lavoura de algodão, visto que o clima é adequado e na própria região encontram-se numerosas fábricas de tecidos em Juiz de Fora, Cataguases e poucas ainda em Além Paraíba, Leopoldina, São João Nepomuceno etc., as quais importam a fibra de regiões longínquas.

Os motivos da depleção das pastagens da bacia leiteira do Rio de Janeiro encontram-se na prática de sistemas extensivos e irracionais de pastoreio: a queima periódica dos pastos e o superpastoreio (*overgrazing*).

A ensilagem, a contabilização das propriedades e o controle leiteiro são outros tantos conhecimentos ainda pouco difundidos e que requerem maior divulgação entre os produtores de leite.